

Como a esquerda tornou-se um agente relevante na política eleitoral de Porto Rico

Via [The Wire](#)

Desde 1968, Porto Rico tem um sistema bipartidário estável, dividido sobre a chamada “questão de status” em vez da tradicional divisão esquerda-direita. O outrora dominante Partido Popular Democrático (PPD) apóia a manutenção do atual arranjo da Commonwealth com os Estados Unidos, enquanto o Novo Partido Progressivo (PNP) defende a condição de estado independente. Ambos os partidos adotam políticas neoliberais, embora o PPD seja geralmente mais liberal em questões sociais como os direitos LGBT.

Durante décadas, o PNP e o PPD têm alternado o poder, normalmente obtendo 95% dos votos. O Partido da Independência de Porto Rico (PIP), de orientação social-democrata, mas priorizando a questão da independência, tem normalmente levantado a retaguarda. A esquerda não-nacionalista, embora relativamente bem enraizada nos movimentos trabalhistas e estudantis, nunca foi capaz de romper a barreira eleitoral.

Até agora. Nas eleições gerais de 3 de novembro, com tantos olhos concentrados na corrida presidencial americana, os progressistas em Porto Rico deram um sério golpe no sistema bipartidário. O total de votos combinados do PNP-PPD caiu, o PIP e um novo partido de esquerda atraíram amplo apoio, e o debate sobre o neoliberalismo foi colocado em pauta.

O consenso neoliberal começa a quebrar

O duopólio da ilha mostrou seus primeiros sinais de rachaduras em 2016. O total de votos do PNP-PPD caiu de 96% para 80%, e enquanto o candidato governamental derrotado em 2008 recebeu

42% dos votos, o vencedor em 2016 recebeu 41%. Dois candidatos independentes, expressando posições moderadas mas vagamente anti-establishment, puderam aproveitar a crescente frustração dos trabalhadores com décadas de corrupção e austeridade, juntamente com a persistente recessão. Ainda assim, os partidos explicitamente de esquerda se saíram relativamente mal, levando a vereditos mistos na época. Enquanto o apoio aos dois partidos neoliberais caiu drasticamente, as forças de esquerda não foram capazes de capitalizar totalmente a situação.

Depois veio o verão histórico de 2019. Após o vazamento de uma conversa entre o governador do PNP Ricardo Rosselló e seus principais auxiliares que revelou seu racismo, misoginia, corrupção e desprezo pelos pobres, a ilha explodiu nas maiores mobilizações populares de sua história. Centenas de milhares foram para as ruas exigindo a demissão do governador. O slogan "Ricky Renuncia" tornou-se um fenômeno social instantâneo. Os jovens, particularmente as mulheres jovens, lideraram o caminho. Rosselló renunciou em poucas semanas, o primeiro governador na história constitucional de Porto Rico a fazê-lo. A ilha de Porto Rico não tem sido a mesma desde então.

Após as eleições de 2016, várias forças progressistas haviam discutido a criação de um amplo partido anti-neoliberal que acolheria todas as opiniões sobre a questão do status, além de um repúdio geral ao colonialismo. O objetivo: desenraizar a paisagem política realinhando-a ao longo do eixo esquerda-direita, em vez da questão nacional.

Estas conversas culminaram na formação do Movimento de Vitória Cidadã (MVC), em 2019. A nova "Agenda Urgente" do partido enfatizava a luta contra a corrupção, a restauração dos direitos trabalhistas e o resgate dos espaços públicos e instituições da privatização. Enquanto isso, o PIP, embora declinando a adesão ao novo projeto devido a sua insistência de que a independência deveria fazer parte de qualquer programa político, também pareceu mudar de rumo e se

concentrar em questões sócio-econômicas ao invés da questão nacional.

A esquerda faz um avanço

As eleições deste mês abalaram o sistema bipartidário e seu consenso neoliberal ainda mais do que em 2016. Os candidatos do MVC e do PIP ao governo obtiveram 14% cada um, enquanto o candidato vencedor, do PNP, mal obteve 33%. Em outras palavras, apenas 5% separaram o candidato vencedor do voto combinado dos partidos progressistas. O terremoto eleitoral de 2016, ao que parece, não foi um acaso. Na verdade, parece que o tremor secundário foi ainda mais poderoso do que o golpe original.

E o avanço do MVC-PIP não foi apenas um fenômeno governamental. Eles também correram bem na legislatura.

Historicamente, os partidos fora do duopólio do PNP-PPD só conseguiram eleger um único membro em cada casa da Assembleia Legislativa. O sistema de Porto Rico combina o primeiro posto em distritos legislativos individuais com assentos acumulados em grandes assembleias. Há onze assentos principais para cada casa, e nenhum partido político pode indicar mais de seis. Normalmente, isto significa que o partido vencedor elege todo seu quadro de seis legisladores, o segundo colocado elege quatro, e o terceiro pode eleger um único membro.

Na eleição deste mês, o PNP-PPD só conseguiu eleger seis dos onze assentos maiores entre eles no senado e sete dos onze na Câmara dos Deputados. O PIP manteve seu histórico membro único em cada casa, enquanto o MVC conseguiu eleger dois senadores e dois representantes. No senado, um candidato independente bastante progressista conseguiu vencer a reeleição – pela primeira vez na política eleitoral porto-riquenha.

Mas a insurgência progressiva pode ainda não ter sido concretizada. O candidato do MVC para prefeito de San Juan está atualmente travado em uma batalha renhida pelo primeiro

lugar com o PNP. Enquanto parece que o PNP será capaz de obter uma vitória sob uma nuvem de irregularidades, o candidato do MVC Manuel Natal – ele próprio um membro da Câmara dos Deputados e um ex-membro do PPD que rompeu com aquele partido por causa de suas tendências neoliberais – foi capaz de obter mais de 30% dos votos, um desempenho impressionante para um novo projeto eleitoral progressista.

O mesmo pode ser dito sobre Eva Prados, candidata da MVC para um dos distritos da Câmara de San Juan. Atualmente, ela está eliminando o candidato do PNP depois de deixar para trás o PPD em terceiro lugar. Ela seria a primeira deputada de um único distrito fora do duopólio do PNP-PPD.

Os novos membros da MVC de grande porte da legislatura têm fortes raízes na esquerda. Em primeiro lugar, a Câmara: Mariana Nogales Molinelli foi presidente do Partido Popular Trabalhador (PPT) e sua candidata a Comissária Residente em 2016. Ela é uma ativista incansável e presença permanente nos movimentos sociais de Porto Rico. Nogales recebeu mais de 80.000 votos, a maior contagem de todos os candidatos do MVC. José Bernardo Márquez é um jovem progressista, filho de um conhecido prefeito do PNP que exemplifica a ruptura de sua geração com os partidos tradicionais.

No senado, Ana Irma Rivera Lassén é uma ativista de longa data em lutas anti-racistas e LGBT. E Rafael Bernabe, o ex-candidato ao PPT, tem sólida reputação socialista.

Olhando para o futuro

Embora a MVC não tenha vencido as eleições em termos de totais de votos, ela transformou o mapa político, fez uma impressionante entrada legislativa, mobilizou setores importantes da sociedade – particularmente os jovens – e agora tem um caminho viável para a vitória em 2024.

Muitos estão agora propondo uma aliança MVC-PIP. E enquanto a esquerda porto-riquenha tem uma história infeliz de sectarismo

(e mesmo que a questão nacional sirva como um ponto de fratura aparentemente permanente), alguma forma de unidade eleitoral parece possível.

Os próximos quatro anos serão críticos para ver se a esquerda pode construir sobre seu sucesso inicial. O PPD conseguiu reunir uma maioria simples na legislatura, o que significa que haverá um governo dividido com o executivo liderado pelo PNP.

A posição da esquerda ainda é tímida. Mas, pela primeira vez em décadas, ela se tornou uma grande força na política eleitoral porto-riquenha.